



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

EDNALVA DOS SANTOS SILVA

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

**CAMPINA GRANDE
2018**

EDNALVA DOS SANTOS SILVA

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em História.

Área de concentração: História e literatura.

Orientador: Prof. Dr. José Pereira de Sousa Júnior.

**CAMPINA GRANDE
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586i Silva, Ednalva dos Santos.
A importância da literatura na educação infantil
[manuscrito] / Ednalva dos Santos Silva. - 2018.
18 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.

"Orientação : Prof. Dr. José Pereira de Sousa Júnior, Coordenação do Curso de História - CEDUC."

1. Literatura infantil. 2. Criança. 3. Educação infantil. I.

Título

21. ed. CDD 372.6

EDNALVA DOS SANTOS SILVA


A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

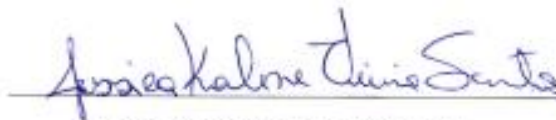
Artigo apresentado (o) ao Programa de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para a obtenção do título de graduada em Licenciatura em História.

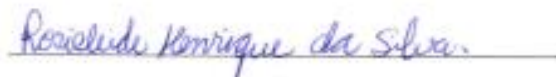
Área de concentração: História e Literatura

Aprovado em: 06/12/2018

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. José Pereira de Sousa Junior (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Jessica Kaline Vieira Santos
PPGH UFCG


Prof.ª. Me
Rosicleide Henrique da Silva
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Dedico este trabalho aos meus pais Francisca e Antônio, meu marido e meus filhos por toda dedicação, companheirismo e amizade e por sempre acreditarem na minha capacidade.

“Literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização...” (Nelly Novaes Coelho).

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL	08
2.1	Surgimento da Literatura Infantil na Europa	10
3	A LITERATURA INFANTIL NO BRASIL	11
4	CONTRIBUIÇÕES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	13
4.1	Contar história: Tradição cultural	14
4.2	Contação de história	14
5	CONCLUSÃO	16
	REFERÊNCIAS	17

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ednalva Dos Santos Silva¹

RESUMO

Este trabalho de pesquisa tem por objetivo evidenciar a importância da literatura na Educação Infantil, buscando abordar de que maneiras essa relação da leitura com o indivíduo acontece, e a sua contribuição para o crescimento emocional e cognitivo para a identificação pessoal da criança. Propiciando ao aluno, a percepção de diferentes resoluções de problemas, despertando a criatividade, que são elementos necessários na formação da criança em nossa sociedade. Assim, procuramos estudar o histórico da Literatura Infantil na Europa entre os séculos XVII e XVIII e seu surgimento no Brasil. O primeiro contato da criança com a literatura infantil é quando ela ouve histórias contadas pelos adultos, e através de seus olhares para as ilustrações, ela interpreta e fantasia aquilo que está escutando. Além de todos estes fatores, neste trabalho pretende-se analisar e possivelmente mostrar que o ato de contar histórias traz inúmeros benefícios para o desenvolvimento cognitivo, estimulando a criatividade, o senso crítico, a oralidade. A metodologia utilizada para a realização da pesquisa foi bibliográfica, utilizando as obras dos seguintes autores: Abramovich (1997), Coelho (2000), Lajolo e Zilberman (2003), Zilberman (1998), e o acesso de alguns sites da internet. Através da leitura do aporte teórico aqui citado foi possível reconhecer a importância dos livros para o indivíduo desde pequeno. Dessa maneira, acredita-se na relevância da escrita deste artigo, pois a literatura infantil além de ser uma ferramenta de fácil acesso, se faz necessária como complemento no desenvolvimento das crianças.

Palavras-chave: Literatura infantil. Criança. Educação infantil.

¹ Graduanda do curso de Licenciatura plena em História, pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.
ednalva201106@hotmail.com

RESUMEN

Este trabajo de pesquisa tiene por objetivo evidenciar la importancia de la literatura en la Educación Infantil, buscando abordar de que maneras esa relación de la lectura con el individuo ocurre, y su contribución para el crecimiento emocional, cognitivo para la identificación personal del niño. Propiciando al alumno, la percepción de diferentes resoluciones de problemas, despertando la creatividad, que son elementos necesarios en la formación del niño de nuestra sociedad. Busca estudiar el histórico de la Literatura Infantil en la Europa entre los siglos XII e XVIII y el surgimiento en el Brasil. El primer contacto del niño con la literatura infantil es cuando ella oye historias contadas por los adultos, y a través de sus miradas para las ilustraciones, ella interpreta y fantasía aquello que está escuchando. Además de todos estos factores, en este trabajo se buscó esclarecer que la contación de historias también trae inúmeros beneficios para el desarrollo cognitivo, estimulando la creatividad, el censo crítico, la oralidad. La lectura nacida por lo placer de buscar en los libros las mismas historias oídas. La metodología utilizada para la realización de la búsqueda fue bibliográfica, utilizando las obras de los siguientes autores: Abramovich (1997), Coelho (2000), Lajolo y Zilberman (2003), Zilberman (1998), y el acceso de algunos sitios de la internet. Realizando las lecturas fue posible reconocer a la importancia de los libros para el individuo desde pequeño. De esa manera, acredita-se en la relevancia de la escrita de este artículo, pues la literatura infantil, además de ser una herramienta de fácil acceso, se faz necesario en el desarrollo de los niños.

Palabras-clave: Literatura infantil. Niño. Educación infantil.

1. INTRODUÇÃO

Quando falamos em Literatura Infantil, pensamos imediatamente sobre o que está literatura tem a oferecer às crianças e seus objetivos para a educação, visto que ela é capaz de auxiliar as crianças a compreenderem os variados aspectos de sua formação. Como enfatiza Coelho (2000, p. 15)

[...] a literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola. É ao livro, à palavra escrita, que atribuímos a maior responsabilidade na formação da consciência de mundo das crianças e dos jovens. (Coelho, 2000, p. 15)

Dessa forma, o presente trabalho busca compreender, ainda que de forma breve, o surgimento da literatura infantil na Europa e no Brasil, analisar os conceitos de infância ao longo do tempo, e assim tentar entender como a Literatura Infantil contribui para o desenvolvimento da criança.

Este trabalho se justifica pela ampla possibilidade que a literatura proporciona, por meio dos seus vastos acervos de obras, mediando com as crianças os mais variados temas, de forma leve e prazerosa, influenciando na sua formação integral.

Para o desenvolvimento deste trabalho, foram realizadas pesquisas bibliográficas com diversos autores que abordam o referido assunto, apresentando o histórico da Literatura para crianças desde seus primórdios até o século XVIII na Europa, e o seu surgimento no Brasil, assim como o conceito de infância, que mudou durante esse tempo, e a importância da contação de história para o desenvolvimento da criança na educação infantil.

Para uma melhor organização dividimos o artigo em 04 (quatro) partes, os quais contemplam inicialmente uma breve introdução. No segundo momento trazemos uma abordagem teórica, onde discutimos as seguintes temáticas: breve histórico da literatura infantil; surgimento da literatura infantil na Europa.

No terceiro momento apresentaremos a literatura infantil no Brasil. E por último, apresentaremos as contribuições da contação de história na educação infantil: contar história: tradição cultural; Contação de história as quais concretizaram a realização do presente trabalho.

2- BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL

A motivação de se contar histórias surgiu com a necessidade do ser humano em passar seus ensinamentos e se expressar para os demais de sua espécie, e isto é fato, pois desde cedo quando começamos a nos comunicar queremos transmitir fatos ao outro. Pode-se passar suas tradições, cultura, acontecimentos vivenciados, entre outros, por meio da fala e das palavras. Dessa maneira podemos dizer que o homem funde suas ideologias, seu imaginário para quem sabe obter uma possível realização, como afirma Coelho:

Literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização. (COELHO, 2000, p.27)

Em outro ponto, Coelho aborda que a literatura de cada época destinou às suas crianças

é conhecer os ideais e valores ou desvalores sobre os quais cada sociedade se fundamentou e se fundamenta, pautando questões de diversos punhos desde cultural a social (COELHO, 2000, p. 28). Quem também reconhece que esse ato de contar história de passar essas questões sempre existiu é Dohme, para ele

Pode-se afirmar que a arte de contar histórias existiu sempre, desde quando o homem começou a falar e articular as palavras. Provavelmente, começou com o homem sentado em sua caverna ao pé do fogo, contando suas bravatas às mulheres e crianças. Certamente teria melhor audiência aquele que descrevesse detalhes, na medida certa, sem demasia, que tivesse graça, humor, que fizesse sua plateia sentir as emoções descritas como se as tivesse vivido. (DOHME, 2010, p. 7).

Muito antes da existência da escrita, já se contavam histórias às crianças e adultos, como enfatizou Dohme (2010, p.7). A contação de histórias tinha como objetivo transmitir de geração para geração as histórias de seus povos. Assim, Souza e Feba (2011, p. 153) nos dizem que:

As primeiras civilizações utilizavam a linguagem oral para repassar aos seus descendentes a sabedoria deixada por seus antepassados, para solucionar problemas e manter vivas as tradições e segredos de seus povos. Nesse sentido, ao olharmos para a história da humanidade constatamos que ela está fortemente marcada pelo uso que os homens fizeram das narrativas para que pudessem se descobrir enquanto pessoas e para repassar às gerações futuras sua identidade e as descobertas realizadas em consequência de suas necessidades, ou seja, o fazer-se ser humano foi construído no decorrer da história narrada. (SOUZA; FEBA, 2011, p. 153).

A “arte” de contar histórias, praticada pelos antepassados, foi importantíssima para que suas crenças continuem vivas até hoje, visto que não seria possível se não fosse através da contação de história.

Muitos autores trazem o surgimento da literatura infantil, como uma literatura pensada a princípio para adultos, porém ao passar dos tempos foi se adaptando e se capacitando a faixa etária infantil. Assim, percebe-se que a literatura é uma prática antiga, visto que sua existência ocorre antes mesmo da escrita, sobretudo apenas reconhecida como gênero tempos depois.

As primeiras obras publicadas visando ao público infantil apareceram no mercado livreiro na primeira metade do século XVIII, como discutem as autoras Lajolo e Zilberman (2007, p.14).

No entanto, o surgimento da literatura infantil foi marcado com o francês Perrault, seguido de outros escritores, como os Irmãos Grimm. No Brasil, o grande destaque da literatura infantil foi Monteiro Lobato.

Ao analisarmos todos esses autores supracitados, assim como suas contribuições descritas, compreende-se que a literatura infantil aparece de forma tardia, de fato, pois inicialmente a criança, não era vista como um ser distinto ao adulto quando se tratava da leitura de forma geral. Assim sendo, as primeiras literaturas escritas tinham o seu viés direcionado a um público em geral, onde com o passar do tempo, com um olhar mais atento a faixa etária infantil, pensou-se numa literatura voltada a ela. Assim, discute Cunha

A história da literatura infantil tem relativamente poucos capítulos. Começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta. (CUNHA, 1991, p. 22).

Percebemos que ao longo do tempo da história literária houve transformações com o intuito de adaptar as narrações para a linguagem do público alvo, ou seja, a criança, o que antes não era pensado passou a ser. Iniciaram-se adaptações de obras especificamente para elas, e esse processo de suma importância por muitas vezes não são conhecidos, acreditando-se por muitos que sempre existiram obras direcionadas a infância.

2.1- Surgimento da Literatura Infantil na Europa

Foi na Europa, de certa forma, onde surgiu junto as primeiras escritas literárias, sobretudo como já dito anteriormente eram elaboradas indiscriminadamente para adultos e crianças sem uma especificação de público, as chamadas literatura clássica que antecederam a infantil. E com o decorrer dos anos surgem as primeiras escritas direcionadas para as crianças, os livros infantis com uma narrativa curta, como afirma Faria:

Os livros infantis apresentam narrativas curtas que podem ser consideradas contos – designação de histórias e narrações tradicionais, que existem desde os tempos mais antigos, os quais, na sua origem, eram orais em sociedade ágrafas, transmitidas de geração em geração. Na Europa, Perrault, no fim do século XVII, e os irmãos Grimm, no início do século XIX, recolheram contos orais populares de seus respectivos países e os registraram por escrito, segundo suas concepções e estilos. (FARIA, 2008, p. 23).

A priori, ao analisarmos as fontes sobre a Literatura infantil na história, notamos que este mercado literário surgiu no início do século XVII, logo após o classicismo francês² no século XVII, no momento que foram escritas histórias que apresentaram sua adaptação na infância.

Perrault é um dos precursores da literatura infantil, cujo impulso inicial determina, retroativamente, a incorporação dos textos citados de La Fontaine e Fénelon. Seu livro provoca também uma preferência inaudita pelo conto de fadas, literarizando uma produção até aquele momento de natureza popular e circulação oral, adotada doravante como principal leitura infantil.

Dessa forma, a necessidade de se pensar numa literatura infantil, faz com que Cademartori volte a enfatizar as obras de Perrault, onde ele, que foi considerado o precursor da literatura infantil mundial, escreve considerando à faixa etária a qual se destinam suas obras.

Questões relativas à obra de Charles Perrault, frequentemente apontado como o iniciador da literatura infantil, vinculam-se a pontos básicos da questão da natureza da literatura infantil como, por exemplo, a preocupação com o didático e a relação com o popular. (CADEMARTORI, 1987, p. 34).

Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2007, p. 16), enfatiza que a burguesia se consolida como classe social onde reivindica um poder político que conquista paulatinamente para isso, incentiva instituições que trabalham em seu favor, ajudando-a a atingir as metas desejadas. A primeira dessas instituições é a família.

A criança passa a deter um novo papel na sociedade, motivando o aparecimento de objetos industrializados *o brinquedo* e culturais *o livro* ou *novos ramos da ciência*³ *a psicologia infantil*, a pedagogia ou a pediatria de que ela é destinatária. (LAJOLO & ZILBERMAN, 2007, p.16).

² Foi um período em que a estética barroca prevalecia na Europa, renasceu na França um classicismo peculiar.

³ Grifos nossos.

Vale salientar que a segunda instituição convocada a colaborar para a solidificação política e ideológica da burguesia é a escola. Tendo sido facultativa, e mesmo dispensável até o século XVIII. Entretanto, a escola incorpora ainda outros papéis, que contribuem para reforçar sua importância, tornando-a, a partir de então, imprescindível no quadro da vida social.

Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2007, p.16), enfatiza que “sendo a família a primeira instituição convocada a colaborar para a solidificação política e ideológica da burguesia, a segunda acaba por ser a própria escola. Esta, por conseguinte, foi facultativa, e até o século XVIII era até mesmo dispensável”. A escolarização passa a ser uma atividade obrigatória para as crianças e está obrigatoriamente se dá pela lógica que pelo fato da fragilidade e o despreparo das crianças, necessitava-se prepara-las para um enfrentamento maduro da vida.

Assim como a família, a escola se torna um espaço de mediação entre a criança e a sociedade, concebendo a necessidade do elo entre as instituições. A escola, torna-se indispensável a toda e qualquer criança que circule na vida social.

Segundo Lajolo e Zilberman (2007, p.17), a partir do século XVIII, aperfeiçoa-se a tipografia e expande-se a produção de livros, facultando a proliferação dos gêneros literários que, com ela, se adequam à situação recente. Por outro lado, porque a literatura infantil trabalha sobre a língua escrita, ela depende da capacidade de leitura das crianças, ou seja, supõe terem passado pelo crivo da escola.

3- A LITERATURA INFANTIL NO BRASIL

Segundo Coelho (1982), durante a segunda metade do século XIX começou a crescer no Brasil a percepção da necessidade de uma literatura nacional para a criança brasileira. O país está passando por um momento de profundas mudanças na sociedade, em 1888 ocorre a abolição da escravidão, e em 1889 o término da monarquia com a Proclamação da República. Neste período surgem também as novas relações de produção, com o sistema capital-trabalho; tais mudanças abalaram o cenário brasileiro até o início do século XX. Como traz Cunha, “No Brasil, como não poderia deixar de ser, a literatura infantil tem início com as obras pedagógicas e sobretudo adaptadas de produções portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias” (CUNHA, 1987, p. 20).

A autora discute que, as primeiras produções de leitura direcionada especificamente às crianças surgiram no âmbito escolar, com os livros de leitura, pois os conceitos de “literatura” e “educação” estavam interligados.

Simultaneamente ao aumento de traduções e adaptações de livros literários para o público infante-juvenil, começa a se firmar, no Brasil, a consciência de que uma literatura própria, que valorizasse o nacional, se fazia urgente para a criança e para a juventude brasileiras.

A literatura Infantil no Brasil aparece no final do século XIX, porém seu viés cultural surge com a aparição do escritor Monteiro Lobato, ainda no início do século XX, há uma reação ao nacionalismo, o intelectualismo e o tradicionalismo ao enorme predomínio que vinha de Portugal e da Europa.

Segundo Edgard (apud COELHO, 1982) confirma que a literatura da época que estava acessível à criança naquele período era pequena e de pouca qualidade. Não existia traduções dos grandes contos originados na Europa, e as produções dos escritores nacionais seguiam os temas europeus e modelos vigentes em Portugal.

Dentre os autores que se sobressaíram na produção voltada ao público infantil, Coelho (1982) enfatiza Antônio Marques Rodrigues (1826-1873), no Maranhão, como pioneiro na “leitura escolar”;

sua obra apresentava preocupação com o ensino primário brasileiro. Na Bahia, outro pioneiro, Abílio César Borges (1824-1891), colaborou para o desenvolvimento do ensino; com o título de Barão de Macaúbas. Ainda sobre a “leitura escolar”, outros autores contribuíram com obras que apresentava um esforço ao nacionalismo e alguma influência estrangeira. Podemos citar Hilário Ribeiro, com a Série Instrutiva; Felisberto de Carvalho, cuja obra disputava com a de Hilário; Romão Puiggari, com o livro Coisas Brasileiras, Fausto Barreto e Carlos de Laet, com Anthologia Nacional (modelo que influenciou antologias posteriores); e João Kopke, fundador da Escola da Neutralidade em São Paulo, em 1885 (COELHO, 1982).

Carvalho (1983), discute que em 1811 instalou-se a primeira tipografia na Bahia, possibilitando a circulação de jornais; em 1831, em Salvador, aparece o primeiro jornal infantojuvenil: “O Adolescente”. Dessa forma, vai surgindo em outros Estados como o Rio de Janeiro (1835), Maranhão (1845) e em São Paulo (1860), jornais voltados à infância e juventude.

É curioso observar-se, em todo o País, a importância atribuída à Imprensa infantil e juvenil, durante o período que antecede a Literatura específica da criança. Isso confirma o valor do jornal para os pequenos leitores, despertando-lhes o interesse pela informação, pela cultura, pelos acontecimentos que lhes dizem respeito, e até despertando vocações. (CARVALHO, 1983, p. 126).

No campo literário, sem cunho didático, com ele surge a primeira tradução em português dos contos infantis que já circulavam fora do país, com a publicação de Contos da Carochinha em 1896, obra que reunia 61 contos populares que na edição do escritor não iniciavam com “era uma vez possuíam nuances de origem oriental. Nesta mesma linha, podemos destacar ainda Alexina Magalhães Pinto, professora mineira; Francisco Vianna, guiado pelo positivismo de Comte; Olavo Bilac e Manuel Bonfim, que escreveram Através do Brasil; e Thales de Andrade (nascido em 1890 em Piracicaba), que inovou no gênero com a exploração do “rural”, sua obra Saudade, publicada em 1919, com grande repercussão e influência nos autores que se seguiram.

Monteiro Lobato⁴, com seu natural entusiasmo e generosidade, saudou-o com um acontecimento ímpar: “livro para a infância das escolas que cai em nossos meios pedagógicos com o fulgor e o estrondo de um raio”. [...] Thales de Andrade redescobre em Saudade os “ingredientes” que daí em diante iriam marcar, não apenas os livros de leitura escolar, mas praticamente toda a nossa literatura infantil. [...] Inclusive o grande “achado” de Monteiro Lobato foi ter sabido dosar, de maneira totalmente original, todos esses “ingredientes” recém-descobertos [...] (COELHO, 1982, p. 350 – grifos da autora).

Filho (2009, p. 29) discute que Lobato fora o precursor de uma nova literatura voltada as crianças no Brasil, uma literatura que ainda passaria por inúmeras mudanças, por uma ditadura militar e por grandes transformações na tecnologia e na sociedade.

Cunha (1987) define Monteiro Lobato como ponto de início para a literatura infantil brasileira. Por muito tempo, os autores posteriores a ele viverão à sombra de seu nome (CADEMARTORI, 1987, p. 43).

Além de obras didáticas, Monteiro Lobato escreveu obras que abordavam o folclore e a imaginação, todas com questões nacionais e problemas mundiais, com a marcante exploração do dialeto brasileiro. Ele também adaptou obras como as de Peter Pan e Pinóquio (CUNHA, 1987, p. 20).

⁴ José Bento Renato Monteiro Lobato foi um escritor, ativista, diretor e produtor brasileiro. Foi um importante editor de livros inéditos e autor de importantes traduções

A produção de Monteiro Lobato possui uma identificação do escritor com o meio em que vive, aspecto difícil de se encontrar na literatura brasileira até então. Suas obras são voltadas para o cotidiano e a realidade comum, tais como a turma do Sítio do Picapau Amarelo e o personagem Jeca Tatu, e possuem caráter revolucionário, ligando literatura e questões sociais; o escritor fugiu do moralismo comum dos livros infantis incentivando a formação da consciência crítica (CADEMARTORI, 1987).

Durante os anos de 1920, há uma quebra que desbanca a tendência realista e traz a fantasia e imaginação por meio do Modernismo de 22⁵. Lobato colaborou com essa ruptura na área da literatura infantil unindo o real com o maravilhoso, através de sua obra *A Menina do Narizinho Arrebitado* em 1921 (COELHO, 1982).

No ano de 1921, Monteiro Lobato publica *A menina do Narizinho Arrebitado*, sendo um sucesso de vendas, ao notar a necessidade em escrever histórias voltadas para crianças, em uma linguagem que as interessassem. Cunha (2003, p. 24) discute que, em todas as obras de Lobato “observava-se o mesmo questionamento e inquietação intelectual, a preocupação com as questões nacionais ou os grandes problemas mundiais”.

Segundo Carvalho (1983) Monteiro Lobato é “o maior clássico da Literatura Infantil Brasileira” (1983, p. 133), que não escreveu somente para as crianças, mas inventou um mundo inteiro para elas, criando histórias, personagens e fantasia:

Ao contrário dos clássicos estrangeiros, ele não recriou seus contos de outros; ele os criou. Embora se utilizasse do rico acervo maravilhoso da Literatura Clássica Infantil de todo o mundo, a inspiração maior e básica de Lobato foi a própria criança, os motivos e os ingredientes de sua vivência: suas fantasias, suas aventuras, seus objetos de jogos e brinquedos, suas travessuras e tudo o que povoa a sua imaginação... Reencontrou a criança, amealhou toda a riqueza e criatividade de seu mundo maravilhoso e construiu um universo para ela, num cenário natural, enriquecido pelo Folclore de seu povo, aspecto indispensável à obra infantil. (CARVALHO, 1983, p. 133).

Monteiro Lobato permaneceu como o principal representante da literatura infantil brasileira durante os anos 1930 e 1940, afirmou Coelho (1982). O cenário em que se encontrava o país era de um progresso econômico que se confrontava com as mazelas sociais e problemas políticos. No âmbito da literatura, o rural e urbano estava cada vez mais junto, e para as crianças as obras traziam estímulo ao amor à terra e vida simples do campo. No entanto, a literatura infantil ainda era vista como um subgênero, e a produção do período eram na maior parte textos em prosa ou poesia, e possuía “inexpressivo nível literário e de nítido caráter realista, diretamente ligada ao ensino” (COELHO, 1982, p. 382).

4- CONTRIBUIÇÕES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste tópico abordaremos a respeito da importância do ato de se contar história aprofundando o que já foi falado anteriormente a respeito do ato de contar história, sobretudo trazendo à tona a sua relevância na educação infantil.

⁵ Momento que corresponde a primeira geração modernista ou primeira fase do modernismo no Brasil é chamada de "fase heroica" e se estende de 1922 até 1930.

4.1- Contar história: Tradição cultural

Desde os primórdios da humanidade a prática de contar e ouvir histórias, existia antes mesmo da escrita na tradição popular, sendo passada de geração em geração, por meio da transmissão oral como forma de perpetuar. Esta tradição proporcionou um viés historiográfico na consonância de guardar o passado na memória, de revivê-lo e além de possibilitar a recuperação social das vivências.

Nesse sentido, embora os modos de contar histórias possam variar em diferentes épocas e sociedades, permanece o fundamental, que é narrar uma sucessão de acontecimentos reais e/ou inventados.

As narrativas orais são tão antigas quanto à humanidade, e fazem parte do folclore de todos os povos. Como as crianças já crescem ouvindo histórias, sua transmissão se faz de uma geração a outra de forma natural, por meio de valores, crenças, costumes, comportamentos, sonhos, dentre outros.

De acordo com Chaves (1963 apud MIRANDA, 2010, p. 5-6)

Chaves (1963) diz que contar história é uma grande arte. É um dos métodos intuitivos mais simples, o mais antigo e o mais eficaz na transmissão de verdades de uma geração para outra. A arte de contar história é a mais antiga forma narrativa consciente. Muito antes de o homem ter inventado a arte de escrever, a linguagem falada já era usada para transmitir suas ideias, suas crenças, suas tradições, o relato de seus feitos, para que assim se conservasse o patrimônio cultural da raça e despertasse nas gerações futuras o desejo de imitar os bons exemplos dos antepassados evitando dessa forma os seus erros. Contar história, além de agradar e entreter tem o papel primordial de educar.

Busatto (2003 apud MIRANDA, 2010, p.6) afirma que, “contar histórias é uma arte rara que reatualiza a memória, ligando o ouvinte com algo que se perdeu nas incertezas do tempo. Tudo isso traz significações ao propor um diálogo entre as diferentes dimensões do ser”.

Em pleno mundo globalizado, os indivíduos estão ainda mais afastados, com tantos avanços tecnológicos. Diante disso, se faz necessário o trabalho através do resgate de contação de histórias para as crianças. (MIRANDA, 2010)

Ter o hábito de ouvir histórias desde cedo contribui gradativamente para a formação de identidades, pois através da contação, acontece uma relação de reciprocidade entre contador e ouvintes, expondo toda a bagagem cultural e afetiva destes, levando-os a ser quem são. “Contar histórias é uma arte porque traz significações ao propor um diálogo entre as diferentes dimensões do ser” (BUSATTO, 2003, p. 10).

De acordo com Faria & Garcia

Somente me constituindo como sujeito, posso aspirar a igualdade na minha relação com o outro. E a arte cumpre um papel nesse sentido. Dizendo quem sou através do que faço, dialogo com os outros em um processo poroso que permite interpenetrações criativas, por meio de formas, sons, cores e palavras. (FARIA & GARCIA, 2002, p. 121)

A arte é nos permitir uma interpretação através das formas, cores e palavras como um todo.

4.2- Contação de história

A contação de história é uma prática muito antiga e que ao longo dos anos foi se aperfeiçoando

e ganhando espaço nos textos literários. Contar história desenvolve as possibilidades de apreensão dos significados do mundo em que as pessoas estão inseridas. Ela auxilia na aprendizagem, visto que apresentam características únicas de descontração, atenção, alegria entre outras tantas habilidades que possam fazer o aluno aprender e apreender o sentido das coisas de forma lúdica.

De acordo com Chaves (1963 apud MIRANDA, 2010, p.6),

Vemos que desde os tempos mais remotos, o homem, percebendo que cada habilidade que possuía era um recurso à sua disposição para conquistar o respeito e a veneração dos seus semelhantes, começou a cultivar o seu talento e a especializar-se nas artes. Para entreter aqueles que o cercavam e receber sua aprovação e admiração, ele utilizava a contação de histórias.

Coelho (1998 apud MIRANDA, 2010), aborda que saber contar uma história é, antes de mais nada, saber para quem se conta. O bom contador de histórias conhece a sua história profundamente, e possui uma linguagem acessível aos seus ouvintes, escolhendo suas histórias de acordo com a faixa etária que pretende atender.

Schneid (2011), afirma que

A arte de contar histórias ganhou uma conotação maior, como valoroso instrumento no processo educativo, devido ao seu aspecto lúdico. Contar histórias passou a ser compreendido como uma possibilidade bastante rica de estratégia alternativa para se obter subsídios no redimensionamento dos trabalhos com crianças, estabelecendo linhas muito mais positivas na ação educativa, ajudando a desmistificar a relação leitor e livro e proporcionando momentos agradáveis de prazer e alegria no contato com o mundo mágico da literatura oral. Acreditando na importância do faz-de-conta, da fantasia, do encantamento da hora do conto para o desenvolvimento da criança é que proponho reavivar esta arte milenar no contexto de nossas escolas, através de momentos dedicados a contação de histórias (SCHNEID, 2011, p. 4).

Contar histórias é uma maneira de fazer arte. Para se tornar um bom leitor é bom ouvir histórias desde pequeno. Por isso é importante para sempre ler para as crianças. (MIRANDA, 2010)

Miranda ainda nos afirma que

Contar histórias é uma experiência de interação. Constitui um relacionamento cordial entre a pessoa que conta e os que ouvem. A interação que se estabelece aproxima os sujeitos envolvidos. Os contos enriquecem nosso espírito, iluminam nosso interior e, ao mesmo tempo, nos tornam mais protagonistas na resolução dos problemas e mais flexíveis para aceitar diferenças. O exercício de contar histórias possibilita debater importantes aspectos do dia-a-dia das crianças. Contar histórias é também uma forma de ensinar temas éticos e de cidadania e de propiciar um mundo imaginário que encanta a criança. As histórias formam o gosto pela leitura. Quando a criança aprende a gostar de ouvir histórias contadas ou lidas, ela adquire o impulso inicial que mais tarde a atrairá para a leitura. (MIRANDA, 2010, p. 4)

A contação de história pode transformar a realidade de quem se torna um ouvinte assíduo. Na escola é preciso preparar todo o ambiente da sala de aula para que o momento da contação seja considerado como um momento importante, propiciado por um ambiente acolhedor. (MIRANDA, op. Cit.)

Para ser um bom leitor é preciso ser primeiro um bom ouvinte. O professor contador de

histórias precisa saber adequar cada história com a faixa etária de cada aluno.

Coelho (1991), afirma que

A duração da narrativa em si depende da faixa etária e do interesse que suscita. Uma história pode ser contada, cantada, ou contada e cantada, ilustrada, utilizando objetos, um livro, uma folha de papel transformada em dobradura. Acredite, uma história pode ser contada como o contador quiser, como mandar a sua imaginação.

Hoje, há um resgate desse importante fator para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita. Acredita-se que a formação de um bom leitor passa pela atividade inicial do escutar e do recontar.

A contação de histórias é uma ferramenta que desperta o gosto pela leitura e que todo professor tem dentro de si um contador de histórias, apenas precisa encontrá-lo e aprimorá-lo. Contar histórias sempre foi e sempre será importante, pois é uma forma de incorporar a arte, à vida e encarar os livros como fonte de prazer.

A contação de histórias é um valioso auxiliar na prática pedagógica para estimular o gosto pela leitura, melhorando a capacidade de compreensão e interpretação, por isso, entendemos que “para formar grandes leitores, críticos, não basta ensinar a ler, é preciso ensinar o gostar de ler.” (VILLARDI 1997, p. 02, MIRANDA, 2010, p.1).

5- CONCLUSÃO

Neste trabalho, abordamos a trajetória historiográfica e a mudança da Literatura Infantil. As primeiras histórias escritas por autores ainda hoje consagrados, como Perrault, Andersen, Irmãos Grimm, foram se transformando e são lidas atualmente por crianças, jovens e adultos, uma vez que apresentam histórias populares, valorizando a imaginação e a fantasia. No entanto, antes do início da Literatura Infantil, não existia um conceito de criança, pois não havia a separação entre mundo infantil e mundo adulto. A criança só começa a ser reconhecida, no século XVII, quando começam a surgir às primeiras escolas.

Inicialmente, traduções que não eram adaptadas às crianças brasileiras, mas sim, traduzidas com o vocabulário português, o que dificultava a leitura dos pequenos, por meio da linguagem complexa.

Somente a partir das obras de Monteiro Lobato, é que se inicia de fato a literatura para as crianças brasileiras, criando um mundo para elas, onde tudo é possível, tendo um olhar especial para esse público. Lobato conseguia ligar o real e a fantasia em uma única realidade.

O reconhecimento de alguns precursores importantes da história da literatura infantil brasileira não apenas Monteiro Lobato, mas também é importante lembrar de outros autores fundamentais nesse período.

Devemos destacar a importância da contação de história na educação infantil, como também sua contribuição para os aspectos social, cognitivo, reforçando as intenções educativas e de aprendizagem da criança. Ouvir e contar histórias é uma atividade que, pode desenvolver o emocional da criança, assim como desenvolver habilidades cognitivas em seu desenvolvimento.

Assim, a contação de história é considerada um instrumento pedagógico prazeroso e de grande auxílio no processo de construção da aprendizagem da criança. Conclui-se que o estudo aqui apresentado é de grande valia na formação dos acadêmicos, especialmente por oferecer aos sujeitos envolvidos a possibilidade de ampliar seus conhecimentos na área, além de levá-los a refletir sobre a prática vivenciada.

Bruno Bettelheim (2010) discute que para que a história chame a atenção da criança, é necessário que sua leitura desperte a curiosidade, estimulando a imaginação, as suas emoções, seu

raciocínio.

Dessa forma, acredita-se que este trabalho acadêmico tenha alcançado seus objetivos, os quais são estudar o desenvolvimento da história da Literatura Infantil, trazendo o início da infância, a Literatura no Brasil, autores, obras, e pôr fim a análise de um contação de história.

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

BUSATTO, Cléo. **Contar & encantar**: Pequenos segredos da narrativa. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CHAVES, Otilia O. **A arte de contar histórias**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Confederação Evangélica do Brasil, 1963.

CARVALHO, Barbara Vasconcelos de. **A Literatura Infantil – Visão Histórica e Crítica**. 2. ed. São Paulo: Edart, 1983.

CHEOLA, Maria Laura Van Boekel. **Quem conta um conto**. In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de & MENDONÇA, Rosa Helena. (Org.) **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: Teoria, análise e didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil / juvenil**: das origens indoeuropeias ao Brasil contemporâneo. 4.ed. São Paulo: Ática, 1991.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: Teoria, análise, didática/ Nelly Novaes Coelho. 1. ed. - São Paulo: Moderna, 2000.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: Teoria & Prática**. São Paulo, S.P.: Ática, 1991.

DOHME, Vania D'Angelo. **Técnicas de contar histórias**: um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história. Petrópolis, R.J.: Vozes, 2017.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. 4. ed. São Paulo, S.P.: Contexto, 2008.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história & histórias**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1988.

MIRANDA, V. L. S. Quem conta, encanta e ensina o recontar. In: **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense**. 2010. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2010/2010_fecilcam_port_artigo_vera_lucia_da_silva_miranda.pdf>. Acesso em: 01/12/2019.

SCHNEID, Jucelma Terezinha Neves. **Hora do conto**: uma experiência maravilhosa. Edipucrs, 2011. Disponível em: http://www.pucrs.br/edipucrs/CILLIJ/praticas/hora_do_conto_-_uma_experiencia_maravilhosa_REVISADO_OK.pdf Acesso em: 5 de novembro de 2018

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, somente a Ele toda honra e glória, essência da minha vida, a quem dedico toda minha jornada. A Ti, graças e louvores dou a todo momento, porque tens me ajudado até aqui, me dando forças e determinação para concluir mais uma etapa que propuseste em minha vida.

Aos meus pais, meu marido, filhos e irmãos, que estiveram sempre ao meu lado, me ajudando em tudo o que eu precisava e me ensinando a ser uma mulher de valor em vez de ser uma mulher de sucesso. Pelas vezes em que me mostraram que meus sonhos são possíveis e que estavam dispostos a lutar comigo para torná-los realidade.

Aos que me acompanharam desde o início desta trajetória: Guilherme Amsterdam, Ana Paula da Silva Mota, Lucas Marlon, Ana Paula Claudino, Sabrina Lopes, Jussara Nunes de Araújo, e tantos outros que estavam sempre presentes e que me ajudaram de forma direta e indireta. Não há como esquecer-me daqueles que Deus pôs em minha caminhada e que suas presenças são essenciais através da força e de cada incentivo dado para que eu persista nesta árdua tarefa: A todos vocês, meu muito obrigado portudo!

A todos os professores, que davam o melhor de si para que nos tornássemos não apenas profissionais preparados para o mercado de trabalho, mas sobretudo para à vida. Vocês deixaram marcas e frutos positivos em nossas vidas.

Agradeço ao meu orientador, o professor José Pereira de Sousa Junior, por transmitir seus conhecimentos e por fazer deste trabalho uma experiência positiva, por ter confiado em mim, estando sempre disponível para me ajudar e dedicando parte de seu tempo a me instruir na construção do trabalho. Mais que um orientador, ele foi um anjo em minha vida.

As professoras Rosicleide Henrique da Silva e Jessica Kaline Vieira Santos. É um prazer tê-las como banca examinadora deste artigo.

Aos meus amigos de turma, que sempre se mostravam unidos e estavam dispostos a ajudar um ao outro durante esta longa caminhada que vivenciamos e com isso nestes cinco anos de vida acadêmica construímos não apenas laços de amizade e sim de família. Isso foi fundamental para que chegássemos ao final desta realização.